

## LIÇÃO Nº 3 – A ENCARNAÇÃO DO VERBO

Subsídio elaborado por  
Inacio de Carvalho Neto.

E-mail do autor: [inacioneto@inaciocarvalho.com.br](mailto:inacioneto@inaciocarvalho.com.br)

### Comentários iniciais:

- Estamos estudando neste Trimestre a Apologética Cristã, que é a defesa da fé. É um tema extremamente importante, pois, como disse o apóstolo Pedro, devemos estar sempre preparados para responder, com mansidão e temor, a qualquer pessoa que nos pedir a razão da esperança que temos (1Pe. 3.15).

- Deus não precisa de defensores, mas a nossa fé sim. Precisamos aprender a defender a nossa fé, com mansidão e temor, sempre fundamentados na Palavra de Deus.

- Nesta lição vamos estudar a encarnação de Jesus, o Filho de Deus. Teremos mais para frente (lição 5) uma lição para tratar exclusivamente da natureza divina de Jesus. Nesta lição vamos, então, tratar exclusivamente da sua natureza humana.

- A primeira afirmação que precisamos fazer claramente nesta lição é que Jesus é Deus que se fez homem. Esta é uma das características marcantes da verdadeira religião (conforme estudo da lição passada): só o cristianismo crê realmente que Jesus é o Filho de Deus e que Ele se fez homem, vindo habitar conosco.

- Foi isto que o Pai revelou a Pedro em Cesareia de Filipe, quando ele identificou Jesus como “o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt. 16.16).

- Ao afirmar que Jesus é homem, a verdadeira religião se diferencia de todas as demais religiões. Nenhuma outra religião, a não ser o cristianismo, afirma que Jesus é Deus que se tornou homem. Cada religião cria sua versão, umas negando que Jesus é Deus, outras negando que Ele tenha se tornado ser humano, outras falando em “semideus”, entre outras.

- Muitos atualmente, especialmente a partir do século XVIII, têm negado que Jesus tenha realmente nascido como homem. Apenas a título de exemplo, o famoso escritor e filósofo Bertrand Russell, um dos maiores opositores à existência de Deus e à relevância do Cristianismo, escreveu um livro intitulado “Por que não sou Cristão”, em 1927, dizendo que era praticamente nula a chance de Jesus ter existido. É curioso que uma pessoa tão importante tenha se ocupado de escrever um livro apenas negar e desprezar alguém que ele afirma não ter existido (será que alguém escreveria um livro para negar a existência do Papai Noel?).

- É comum se falar atualmente em um Jesus histórico, diferente de um Cristo da fé. O Jesus histórico seria um Jesus que realmente existiu, mas como um homem comum. E o Cristo da fé seria o Jesus que os cristãos inventaram depois da Sua morte. Um dos autores mais proeminentes que defenderam esta ideia foi Albert Schweitzer, que viveu do final do século XIX até meados do século XX (1875-1965). Ele dizia que Jesus era apenas um religioso equivocado que compartilhava as ideias escatológicas do judaísmo de seu tempo. Ele acreditou erroneamente que era o Messias e, com base nesta ilusão, pregou a chegada iminente do reino. Como este não veio, Jesus decidiu virar

um mártir de sua própria causa. Uma frase famosa de Schweitzer: “O Jesus de Nazaré que se apresentou em público como Messias, que pregou a ética do reino de Deus, que fundou o reino do céu na terra e morreu para conferir uma consagração final à sua obra, jamais existiu”.

- John Stuart Mill, influente economista britânico do século XIX, apesar de seu ceticismo religioso, admitiu que, se Cristo não existisse, nem nós nem Seus discípulos teríamos condições de inventar alguém assim. Como disse C.S. Lewis (que é um ex-ateu), “seria preciso alguém maior que Jesus para inventar Jesus. A causa sempre será maior que o efeito”. E o Pastor Rodrigo Silva também deixa claro que, se Jesus fosse fruto de uma criação humana, então deveríamos admitir que aquele que o criou mereceria mais que um prêmio Nobel em literatura, mereceria um altar.

- Existem mais de 2 bilhões de cristãos no mundo atualmente, cerca de 31% da população mundial. Dizer que Jesus não existiu é praticamente dizer que toda essa gente é louca! Será que quase um terço de toda a população do mundo é louca?

- Como João deixa claro, quem não crê que Jesus se fez homem, não crê em Deus, e quem não crê em Deus faz dEle um mentiroso, porque não crê no testemunho que Ele mesmo deu de Seu filho (1Jo. 5.10).

- A crença na encarnação de Jesus é exclusiva do cristianismo porque o cristianismo é a única religião verdadeira, como vimos na lição passada, pois só o cristianismo parte de Deus para o ser humano (todas as demais religiões partem do próprio ser humano). Como só Deus é a verdade, só Ele pode proporcionar a verdadeira religião, que é a verdadeira religião de Deus com o ser humano.

- A Bíblia deixa claro que, em determinado momento, chamado de “plenitude dos tempos” (Gl. 4.4), “o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo. 1.14a). Isto aconteceu como cumprimento da promessa divina feita ao primeiro casal de que “da semente da mulher” nasceria um que esmagaria a cabeça da serpente (Gn. 3.15).

- Enquanto Deus, Jesus não tem princípio nem fim (Ap. 1.8). Mas, como homem, Ele teve um princípio de existência. Foi concebido por obra e graça do Espírito Santo no ventre de Maria (Lc. 1.31-35).

- Entretanto, Jesus não poderia ter sido concebido como o foram todos os demais seres humanos depois do primeiro casal, pois isso lhe transmitiria a natureza pecaminosa que todos herdamos dos pais (Sl. 51.5). Por isso Jesus foi concebido de forma miraculosa, diretamente pelo Espírito Santo no ventre de Maria, sem relação conjugal.

- Só Jesus e Adão foram gerados diretamente por Deus; todos os demais seres humanos (até mesmo Eva) foram gerados a partir de outro ser humano, por ação indireta de Deus. Por isso é totalmente descabida a doutrina da “imaculada concepção de Maria”, transformada em dogma pela Igreja Católica Romana em 1854 pelo Papa Pio IX, que afirma que Maria também teria sido concebida sem pecado, equiparando Maria ao próprio Jesus. Isso é artimanha de Satanás para denegrir e distorcer a figura de Jesus Cristo.

- Aliás, esse dogma veio para corroborar outros dois dogmas afirmados a respeito de Maria. O primeiro é o chamado “dogma da maternidade divina”, que passou a chamar Maria de “mãe de Deus” (*Theotokós*). Embora esse dogma tenha inicialmente (em 431, no Concílio de Éfeso) sido

adotado para confirmar a divindade de Jesus, ele acabou sendo distorcido para dizer que Maria era um ser especial, por ser a “mãe de Deus”. A verdade, como sabemos, é que, como Deus, Jesus não teve mãe, assim como, como ser humano, Ele não teve pai.

- E o segundo dogma foi o da “perpétua virgindade de Maria”, que afirma que Maria continuou virgem mesmo depois do nascimento de Jesus, até sua morte. Jesus foi concebido em uma virgem, mas ela não continuou virgem para sempre. A virgindade de Maria cessou com o nascimento de Jesus, assim como abstinência sexual entre ela e José. A Bíblia deixa claro que José não a conheceu (não teve relações sexuais com ela) até que Jesus nasceu (Mt. 1.25). E também deixa claro que eles tiveram outros filhos (Mt. 13.55; Mc. 6.3).

- Mais tarde, em 1950, surgiu outro dogma a respeito de Maria, que é o dogma da Assunção de Maria, dizendo que Maria foi, em corpo e alma, para os céus, confirmando a equiparação de Maria a Jesus. Trata-se de mais um absurdo a confirmar que o diabo tenta de todas as formas desqualificar a pessoa e a obra de Jesus.

- Jesus precisava ser criação direta de Deus para ser, como Paulo disse, “o último Adão” (1Co. 15.45). Jesus veio para libertar o povo do pecado e, por isso, não poderia ser formado em pecado. A concepção virginal de Jesus era uma necessidade para que pudesse realizar o plano da salvação. Jesus teria que nascer com a mesma natureza perfeita com que foram criado o primeiro casal, a fim de que pudesse vencer a morte e o inferno.

- Isto foi anunciado previamente pelo profeta Isaías, que deixou claro que o Messias seria concebido por uma virgem (Is. 7.14) e que, ao adquirir a consciência, Ele se inclinaria para o bem, não para o mal (Is. 7.15-16). Essa profecia foi feita 700 anos antes de se cumprir em Jesus.

- Convém deixar claro que a concepção virginal de Jesus não nega Sua humanidade, não o torna num “super-homem”. Ao contrário, Sua concepção virginal faz dEle um homem genuíno, formado conforme o propósito divino, um “segundo Adão”. Sem ela não seria possível garantir a salvação para toda a humanidade, pois, se Ele tivesse a natureza pecaminosa, Ele morreria apenas pelos Seus próprios pecados.

- Outra falsa doutrina que se propaga por aí é que Jesus teria fracasso em Seu ministério terreno por não ter formado família (Reverendo Moon). Ora, sabemos claramente que o objetivo de Jesus ao vir a este mundo não foi o de formar família, mas sim salvar a humanidade, morrendo por nós. Então, o fato de Ele não ter formado família, nem ter deixado descendentes, não foi um fracasso de Sua missão, pois não era essa a Sua missão. A missão espiritual que Ele tinha seria atrapalhada se Ele tivesse formado família.

- Também é falsa a afirmação de que Jesus teve família. Uns dizem que Ele se casou com Maria Madalena. Outros afirmam muitas outras coisas a este respeito. Dan Brown, autor do famoso livro Código Da Vinci, chegou a afirmar que Seus supostos descendentes pertenceram à linhagem real de uma dinastia francesa medieval.

- Também é falsa a afirmação de que Jesus era uma mulher. O movimento “Mesquisedec Lisbet” diz que há um “Deus Pai”, a quem chamam de “Melquisedec” e uma “Deusa Mãe”, a quem chamam de “Cristo Lisbet”, dizendo que Jesus é uma mulher porque, em Lv. 4.32, o animal que deve ser sacrificado é uma fêmea e, como João Batista disse que Jesus era o “Cordeiro de Deus”, aí estaria a prova de que Jesus seria uma mulher!

- Para piorar, uma seita chinesa que tem crescido bastante, chamada “Igreja do Deus Todo Poderoso” ou “Relâmpago Oriental”, acredita que Jesus reencarnou em uma mulher chinesa, cuja identidade não é divulgada, mas que se acredita ser chamada “Yang Xiangbin”, que teria nascido em 1973. Além do fato de sabermos que não existe reencarnação, mesmo que existisse, como Jesus poderia ter reencarnado, se Ele não morreu novamente depois de Sua ressurreição?
- Já existe até quem diga que Jesus era devasso, e até homossexual. Há uma peça teatral, que se pretende transformar em filme, chamada “Corpus Christi”, de Terrence McNally, onde Jesus é apresentado mantendo relações homossexuais com Seus discípulos.
- Também é falsa a afirmação de que Jesus não tinha sexo. Hoje já existe uma “tradução” da Bíblia chamada de “livre de sexismo” ou “Bíblia politicamente correta” ou “Bíblia numa linguagem mais justa”, tentando descaracterizar o “preconceito machista” que a Bíblia supostamente teria.
- Existem muitas tentativas de acondicionar Jesus aos interesses ou às ideologias de um grupo ou indivíduo. Um americano chamado Jefferson foi o primeiro de vários americanos que usaram textos bíblicos para afirmar que Jesus seria americano. Malcon, líder na luta pelos direitos civis, disse que Jesus era negro. Swami Vivekananda, que fundou várias sociedades hindus na América, afirmou que Jesus era um Yogui, um mestre praticante da ioga.
- A verdade evidente na Bíblia é que Jesus foi sim um varão, ou seja, ser humano do sexo masculino, pois isto era necessário a fim de que fosse o “último Adão”. Isso não é preconceito, nem diminuição da mulher em relação ao homem. Apenas que cada um (homem e mulher) tem o seu papel na humanidade.
- Para vir ao mundo, Jesus Se submeteu a todas as limitações humanas, sem exceção alguma. É o que na Teologia chamamos de “kenosis”, que é o esvaziamento da Sua glória, assumindo a condição humana, semelhante a todos os demais seres humanos.
- Essa autolimitação de Jesus era necessária para Ele cumprir Sua missão aqui, já que Ele veio para morrer em nosso lugar. Deus não morre. E, mesmo que Ele pudesse morrer como Deus, isso de nada valeria, pois a pena do pecado (a morte) teria que ser aplicada ao ser humano, não a Deus. Da mesma forma, Deus não pode ser tentado (Tg. 1.13), mas Jesus foi tentado por Satanás.
- Além disso, Ele veio para nos mostrar como é possível viver sem pecar. Lembremos que somos livres por Cristo do poder do pecado, conforme Jo. 8.36 (“Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente, sereis livres”), embora não sejamos ainda livres da possibilidade de pecar. Se Ele permanecesse aqui na condição de Deus, isso nada nos teria ensinado. Todos sabemos que Deus não peca. O que o ser humano precisava (e ainda precisa) aprender é que é possível não pecar, mesmo sendo humano. E isso é que Jesus nos ensinou, com o Seu exemplo pessoal.
- Jesus não deixou de ser Deus (2Tm. 2.13: “...não pode negar-se a si mesmo”), mas, por livre e espontânea vontade, para cumprimento da vontade do Pai (Hb. 10.5-9), Ele veio a este mundo, despidendo-Se da Sua glória (Fp. 2.5-8), cumprindo a lei (Mt. 5.17), fazendo-Se oferta e sacrifício ao Pai para a salvação dos pecadores (Is. 53.4-9).

- Ao contrário de Adão, que procurou obter algo que ele não tinha (o conhecimento do bem e do mal), Jesus abriu mão do que Ele tinha (toda a glória divina) para se fazer homem. A *kenosis* é, portanto, a autolimitação de Jesus, é o esvaziar-se, é o abrir mão.

- Esta ideia está clara em Fp. 2.5-8 (“De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz”) e também em 2Co. 8.9 (“porque já sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, por amor de vós se fez pobre, para que, pela sua pobreza, enriquecêsseis”). Esta questão será melhor explicada na lição 5, que tratará da natureza divina de Cristo.

- Alguns questionam essa ideia da *kenosis*, alegando que os milagres que Jesus fez demonstram que Ele era Deus, e não homem. Mas, em verdade, os milagres foram feitos pelo Espírito Santo que habitava nEle, e também habita em nós. Todos os milagres feitos por Jesus já tinham sido feitos por intermédio de outros homens, ou foram feitos depois dEle por intermédio de outros homens; todos eles foram feitos pelo Espírito Santo que habitou nesses outros homens. Apenas para exemplificar: Elias, Pedro, Paulo, entre outros, também ressuscitaram pessoas, da mesma forma que Jesus.

- Antes mesmo de encarnar, ao entrar no mundo, Jesus faz a Sua primeira oração, que é mencionada por Davi no Salmo 40: “Sacrifício e oferta não quiseste; os meus ouvidos abriste; holocausto e expiação pelo pecado não reclamaste. Então disse: Eis aqui venho; no rolo do livro está escrito de mim: Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu; sim, a tua lei está dentro do meu coração” (Sl. 40.6-8).

- O autor aos hebreus relembra deste fato: “Pelo que, entrando no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste, mas corpo me preparaste; holocaustos e oblações pelo pecado não te agradaram. Então, disse: Eis aqui venho (no princípio do livro está escrito de mim), para fazer, ó Deus, a tua vontade. Como acima diz: Sacrifício, e oferta, e holocaustos, e oblações pelo pecado não quiseste, nem te agradaram (os quais se oferecem segundo a lei). Então, disse: Eis aqui venho, para fazer, ó Deus, a tua vontade. Tira o primeiro, para estabelecer o segundo” (Hb. 10.5-9).

- Isto nos lembra que o primeiro gesto de todo ser humano deveria ser o de orar ao Pai, como Jesus orou. Jesus, ciente de que estava se separando da glória divina, faz uma oração. O ser humano, de igual maneira, consciente de que está destituído da glória de Deus por causa do pecado (Rm. 3.23), não tem outra coisa a fazer a não ser orar, invocar o nome do Senhor, a fim de que possa ser salvo (Jl. 2.32; At. 2.21; Rm. 10.13).

- Enquanto homem, Jesus teve todo o desenvolvimento que qualquer ser humano tem. Foi concebido no ventre de Maria (Lc. 1.35,42), nasceu como um bebê normal, que precisou ser envolto em panos (Lc. 2.7), sendo circuncidado no oitavo dia, como determinava a lei judaica, ocasião em que recebeu o nome de Jesus (Lc. 2.21).

- Quando criança, Jesus teve uma alimentação simples, própria da pobreza em que vivia (Is. 7.15: “Manteiga e mel comerá, até que ele saiba rejeitar o mal e escolher o bem”). Cresceu em sabedoria e em estatura e graça para com Deus e os homens (Lc. 2.52). Passou pela fase da inocência e, ao adquirir consciência, demonstrou a única diferença que teve em relação a todos os demais seres humanos: não tinha a natureza pecaminosa (Hb. 2.17; 4.15; 9.28).

- Portanto, a humanidade de Jesus é uma realidade. Mas, mais que isso, Jesus não apenas assumiu a humanidade, mas a Sua humanidade é total e singular. Jesus foi o único homem que cumpriu plenamente o propósito divino para o homem, pois foi o único ser humano que não pecou.

- O homem foi criado para viver em comunhão com o Deus, para ser Seu administrador sobre a criação terrena, dominando sobre os demais seres terrenos, conforme vemos em Gn. 1.26-28 e Sl. 8.3-8. E a Bíblia nos mostra que este propósito se realizou em Jesus, conforme vemos em Hb. 2.6-18: “mas, em certo lugar, testificou alguém, dizendo: Que é o homem, para que dele te lembres? Ou o filho do homem, para que o visites? Tu o fizeste um pouco menor do que os anjos, de glória e de honra o coroaste e o constituíste sobre as obras de tuas mãos. Todas as coisas lhe sujeitaste debaixo dos pés. Ora, visto que lhe sujeitou todas as coisas, nada deixou que lhe não esteja sujeito. Mas, agora, ainda não vemos que todas as coisas lhe estejam sujeitas; vemos, porém, coroado de glória e de honra aquele Jesus que fora feito um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos. Porque convinha que aquele, para quem são todas as coisas e mediante quem tudo existe, trazendo muitos filhos à glória, consagrasse, pelas aflições, o Príncipe da salvação deles. Porque, assim o que santifica como os que são santificados, são todos de um; por cuja causa não se envergonha de lhes chamar irmãos, dizendo: Anunciarei o teu nome a meus irmãos, cantar-te-ei louvores no meio da congregação. E outra vez: Porei nele a minha confiança. E outra vez: Eis-me aqui a mim e aos filhos que Deus me deu. E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo, e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão. Porque, na verdade, ele não tomou os anjos, mas tomou a descendência de Abraão. Pelo que convinha que, em tudo, fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo. Porque, naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados”.

- Essa humanidade plena de Jesus se revestiu de humildade. Jesus veio ao mundo como uma criança pobre, tendo sido colocado numa manjedoura. A oferta que foi dada por ocasião de Sua apresentação no Templo demonstra a situação de pobreza de Seus pais terrenos. E, como Paulo diz, “...achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo” (Fp. 2.8). A humildade é uma condição para a plena humanidade.

### **Texto Áureo:**

#### **Jo 1.14**

**E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.**

O Verbo se fez carne. O termo aqui traduzido como se fez na verdade significa “tornou-se” (cf. 1.6); portanto, ele descreve com exatidão a entrada de Jesus na história. Falando ao mundo grego de seus dias, João disse nos melhores termos possíveis que “o Logos da filosofia é o Jesus da história”.<sup>11</sup> Além disso, os gnósticos docéticos daquela época afirmavam que não houve uma encarnação real — pensavam que o corpo de Jesus fosse apenas uma “semelhança”. Para eles,

Cristo era, no máximo, uma teofania — uma aparição de Deus em forma humana. Alegavam que o Verbo nunca se tornou carne, realmente. Em oposição, João fez uma declaração simples, direta e poderosa: O Verbo se fez carne (cf. 1 Jo 4.2; 2 Jo 7).

A. T. Robertson argumenta que a declaração O Verbo se fez carne é uma alusão à concepção virginal. Ele faz a pergunta retórica: “Que significado inteligente pode-se dar à linguagem de João, aqui, separado da concepção virginal? Que mãe ou pai comum fala de um filho ‘tornando-se carne’?”

### **Texto da Leitura Bíblica em classe:**

#### **1 João 1.1-3; 4-1-3; 2 João 7**

##### **1 João 1**

#### **1 O que era desde o princípio, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida.**

O verbo é anunciamos (3) e o objeto é a Palavra da vida (1). Portanto, o autor está dizendo: “Nós anunciamos a vocês a Palavra da vida”. As quatro frases dependentes do versículo 1 são descritivas do objeto: O que era desde o princípio, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram, é idêntico em significado à Palavra da vida. A sentença intercalada do versículo 2 também fala do mesmo assunto. Essa é a Palavra (Logos) da introdução do evangelho de João e, é claro, refere-se a Jesus. Mas essa análise está apenas parcialmente correta. Não é exatamente a Palavra que João declara, mas algo acerca (peri) da Palavra. Esse fato é confirmado no versículo 2, em que é a vida que fez sua aparição e João a viu e estava testificando dela. E assim, mais precisamente, o objeto da declaração de João é a vida, que era possessão do Logos e emanava dele. Uma outra evidência disso é encontrada no pronome neutro, o que,

#### **2 Porque a vida foi manifestada, e nós a vimos, e testificamos dela, e vos anunciamos a vida eterna, que estava com o Pai e nos foi manifestada,**

Ele havia “visto” Cristo como homem, mas também tinha visto quem Ele era — o Filho de Deus. Essa visão — e percepção — pode vir a nós de maneira involuntária como resultado de circunstâncias evidenciais. Mas João o contemplou e “isso implica uma visão deliberada e talvez prazerosa”.<sup>2</sup> O “toque” lembra o pedido de Tomé de uma evidência sensorial da realidade do corpo ressurreto de Cristo e, portanto, torna-se uma referência ao fato da ressurreição. A frase intercalada do versículo 2 é uma repetição revisada daquilo que a precedeu. A ênfase está na vida, e essa vida somente podia ser conhecida porque foi manifesta. Nenhuma pessoa por meio da busca pode encontrá-la; ela pode ser vista e conhecida somente pela revelação. A vida que era desde o princípio também estava com o Pai. E ela é vida eterna. Não é apropriado comparar essa vida unicamente à vida perpétua, porque “eterna” (aionion) é algo qualitativo em vez de quantitativo. “Ela só pode significar ‘fazer parte da época’ da qual o autor está falando ou pensando. Assim, esse termo está relacionado às características daquela época. Se a ‘era vindoura’ é ‘supratemporal’, então aionios significa que o sujeito que ele qualifica tem essa característica”.<sup>3</sup> Sempre que João usa o termo “vida”, ele tem essa qualidade eterna implícita em seu significado. Isso é ilustrado pela designação de Jesus como “o caminho, e a verdade, e a vida” (Jo 14.6) e pela sua declaração: “Eu vim para que tenham vida e a tenham com abundância” (Jo 10.10). Essa vida foi manifestada por Cristo para a redenção do homem. Ela é uma qualidade de vida que Cristo possuía e que Ele concede a todo aquele que nele crê. E essa vida que distingue os “filhos de Deus” do “mundo” (3.1).

### **3 O que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo.**

Ele escreveu da forma como havia pregado, para que seus leitores também pudessem compartilhar dessa comunhão, cujo resultado evidente é a plenitude de gozo.

Esse então é o propósito principal da epístola de João: que tenhamos comunhão com Deus ao compartilhar a vida de Cristo, e que “nosso gozo possa ser completo e possa permanecer assim”.<sup>4</sup> Essa comunhão é melhor entendida em termos de vida eterna. O conceito de João acerca da vida também ajuda a entender o significado da ressurreição. Descrever a vida pós-ressurreição de Cristo como uma renovação da vida extraída dele na morte é inadequado, se não impreciso. O corpo que tornou a viver era diferente daquele que foi envolto em lençóis para o sepultamento; esse corpo era um “corpo espiritual” (1 Co 15.44). Mas a vida, da qual estamos falando, não foi tocada pela experiência da crucificação. Essa vida ficou intacta, imaculada e inalterada. Ela passou pelo sepulcro, da mesma maneira que tinha passado pelos rigores da Encarnação, ou seja, imaculada e perfeita. Embora tenhamos dito que vida eterna não conota primariamente uma duração sem fim, também devemos dizer que sua qualidade é uma qualidade de sobrevivência que, em termos temporais, é como o próprio Deus, “de eternidade em eternidade”. A morte tem um agulhão e não há nada de prazeroso a ser dito a esse respeito. Mas, esse tipo de vida transcende a vida e a morte da forma como geralmente as conhecemos — transcende-as e as absorve.

#### **1 João 4**

#### **1 Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.**

Um dos dons que de acordo com o apóstolo Paulo é dado à Igreja pelo verdadeiro Espírito é precisamente o dom de discernir os espíritos (1 Co 12.10).<sup>1</sup> João coloca isso desta forma: Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus. Ele prossegue ao mostrar que a confissão de Jesus Cristo como o Filho de Deus encarnado é a evidência de que o Espírito Santo de Deus está agindo através do homem. “Essa demonstração é transmitida de forma a contrastar o Espírito Santo, que testifica de Cristo e a favor de Cristo, com o espírito do mundo e do Anticristo, que não somente se opõe a esse testemunho, mas espalha a mentira que lhe é oposta”.

#### **2 Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus;**

Há o Espírito de Deus (2) e o espírito do anticristo (3), cada um possuindo e manifestando-se por meio das pessoas. Mateus fala de “falsos cristos e falsos profetas” (Mt 24.24). João está se referindo, sem dúvida alguma, àqueles mencionados em 2.18-27, que são denominados de “muitos anticristos”, que “saíram de nós, mas não eram de nós”. “Aquele que nega que Jesus é o Cristo” é “mentiroso” e também “nega o Pai e o Filho”. Há um poder diabólico e sobrenatural, bem como um poder justo e sobrenatural, operando no mundo e na vida das pessoas. Também há falsos profetas que transformam em mau o que é bom. Alguns podem ser encontrados na igreja — aqueles que substituem a vitalidade do Espírito de Cristo pela religião institucionalizada e aqueles que substituem evangelho de Cristo pelo humanismo. Há também aqueles no mundo que trocam o amor de Deus pelo amor ao poder, “salvadores políticos que encarnam o demonismo que claramente participam do mal”.

3 “A variedade e a popularidade dos falsos profetas contemporâneos não deveriam nos surpreender; continua sendo verdade que ‘o mundo os ouviu’ (v. 5). Em cada geração, a mentira luta contra a verdade, o mal contra o bem, os falsos profetas contra os verdadeiros profetas, o espírito do Anticristo contra Cristo”.<sup>4</sup> O verdadeiro profeta confessa que Jesus Cristo veio em carne (2).

Jesus refere-se à sua natureza humana e Cristo à sua natureza divina e, assim, os dois juntos tornam-se a expressão da Encarnação. Veio em carne não deve ser interpretado como “veio para dentro da carne”. Cristo não desceu [...] em um homem já existente, mas veio em natureza humana; Ele ‘tornou-se carne’”? João está dizendo que a Encarnação não é somente o foco central do evangelho, mas também reúne em seu significado mais amplo as outras grandes verdades doutrinárias tais como o nascimento virginal, a crucificação e a ressurreição. A Encarnação é o credo essencial do cristianismo; com base nessa doutrina, tudo que se chama cristão permanece em pé ou cai.

**3 e todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que está já no mundo.**

Em um certo sentido, então, estamos dizendo que a Encarnação é um credo, mas muito mais do que um credo. Ela é uma formulação de fé, mas também é um fato histórico, o de que Cristo veio em carne. A religião cristã é fundamentada em um evento histórico, no ato culminante de Deus na redenção. Deus tornou-se homem. Sua relação com o homem é, portanto, ativa e dinâmica. Reconhecer a Encarnação é entrar nessa atividade de Deus, envolver-se naquilo que Deus tem feito e está fazendo, ser um coparticipante e, assim, uma testemunha viva da doutrina cristã da salvação. O perdão é mais do que uma libertação legal da culpa; é tomar parte de uma nova vida em Cristo, ou seja, participar ativamente no Reino de Deus na terra.

## **2 João**

**7 Porque já muitos enganadores entraram no mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Este tal é o enganador e o anticristo.**

Os enganadores (7) são indubitavelmente aqueles contra quem João advertiu na epístola anterior (cf. 1 Jo 2.18-23), mas o termo enganadores (planoi) não é usado por ele em outra parte dos seus escritos. Esse termo significa vagabundo, ou corrupto.<sup>5</sup> João usa o verbo cognato relativo, significando “afastar do caminho certo”, em 1 João 1.8; 2.26 e 3.7. Esses enganadores são identificados pela sua falha em confessar ou testemunhar acerca da Encarnação — eles não confessam que Jesus Cristo veio em carne. A ARA traduz esse texto da seguinte forma: “não confessam Jesus Cristo vindo em carne”. Isso foi interpretado por Dodd como uma referência à Segunda Vinda. No entanto, parece que aqui se refere mais a um teste de discípulo já discutido em 1 João 4.2-3. Esse tipo de enganador também é um anticristo.

## **Referências bibliográficas:**

- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.
- CARGAL, Timothy B. **Comentário bíblico pentecostal – Aviva ó, Senhor, a tua obra**. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, v. 2.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2. ed. Editora Hagnos, v. 4, 2001.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- DEVER, Mark. **A mensagem do Antigo Testamento: uma exposição teológica e homilética**. Tradução Lena ARANHA. CPAD, 2012.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2005.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **As Promessas de Deus São Infalíveis**. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.
- HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico – Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento**. Editora Vida Nova, 2012.
- NEVES, Natalino das. **A encarnação do verbo**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA, Euclides. **A encarnação do verbo**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.adlondrina.com.br>
- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **A encarnação do verbo**. Subsídio publicado no site <http://abimaeljr.wordpress.com.br>
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Trad. Degmar Ribas Júnior. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- SILVA, Rodrigo. **Enciclopédia histórica da vida de Jesus**. 4. ed. São Paulo: PAE, 2021.
- SOARES, Esequias. **Em Defesa da Fé Cristã – Combatendo as Antigas Heresias que se Apresentam com Nova Aparência**. Rio de Janeiro: CPAD, 2025.
- SOARES, Esequias. **Lições Bíblicas: Em Defesa da Fé Cristã – Combatendo as Antigas Heresias que se Apresentam com Nova Aparência**. Rio de Janeiro: CPAD, 2025.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.